

Existe Uma Sociologia Das Relações Internacionais?



Is There A Sociology Of International Relations?

¿Existe Una Sociología De Las Relaciones Internacionales?

Nildo Viana¹

1. Doutor, Universidade Federal de Goiás. E-mail: nildosviana@gmail.com.

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2022v10.n1.p61

Recebido em: 17 de setembro de 2020

Aprovado em: 06 de dezembro de 2021

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a existência e consolidação de uma sociologia especial, a voltada para o campo fenomenal das relações internacionais. Para tanto, realiza uma reflexão sobre as condições de possibilidade para a existência de uma sociologia especial e para sua consolidação. O caminho percorrido foi analisar as contribuições involuntárias e voluntárias para a constituição de uma sociologia das relações internacionais. A conclusão final do artigo é a de que existe uma sociologia das relações internacionais, mas incipiente e em formação. Para que ela se consolide é necessário desenvolver suas tradições analíticas, reflexões sobre relações internacionais e reconhecimento social. Por fim, as publicações mais recentes apontam para a tendência desses elementos se desenvolverem.

Palavras-Chave: Sociologias especiais, sociologia das relações internacionais, tradições analíticas, campo fenomenal, reconhecimento social.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the existence and consolidation of a special sociology, the one focused on the phenomenal field of international relations. Therefore, it conducts a reflection on the conditions of possibility for the existence of a special sociology and for its consolidation. The path taken was to analyze the involuntary and voluntary contributions to the constitution of a sociology of international relations. The final conclusion of the article is that there is a sociology of international relations, but incipient and in formation. For it to become consolidated, it is necessary to develop its analytical traditions, reflections on international relations and social recognition. Finally, the most recent publications point to the tendency of these elements to develop.

Keywords: Special sociologies, sociology of international relations, analytical traditions, phenomenal field, social recognition.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la existencia y consolidación de una sociología especial, la enfocada en el campo fenomenal de las relaciones internacio-

2. O processo de especialização e sua ampliação é um fenômeno social analisado pela própria sociologia. Esse foi o caso de Max Weber e sua análise da racionalização do ocidente e da especialização que é parte dela e de Karl Marx e sua crítica da divisão social do trabalho e do que denominou “idiotismo da especialização”. Ambos eram grandes eruditos e Weber acabou sendo precursor de várias sociologias especiais, mas, ele mesmo, não desenvolveu nenhuma, por pensar num sentido sociológico mais amplo. Marx, por sua vez, nem se considerava sociólogo e nunca buscou produzir uma ciência particular, o que o deixa bem distante das subdivisões da sociologia, tais como são as sociologias especiais. Porém, concorde-se ou não, a especialização acabou se intensificando e gerando as sociologias especiais e o nosso objetivo aqui é analisar esse processo no caso específico da sociologia das relações internacionais, o que não significa concordância e falta de percepção dos problemas que isso gera tanto no âmbito social quanto intelectual. O nosso foco analítico é a situação dessa sociologia especial e por isso nos limitamos a abordar o seu processo de constituição e seu estado atual.

3. A distinção entre “sociologia geral” e “sociologias especiais” já é tradicional no interior do pensamento sociológico e pode ser vista desde a análise clássica de Durkheim até os manuais de sociologia. A chamada “sociologia geral” é, fundamentalmente, a parte da sociologia considerada mais “teórica” e “geral”, a que trata da sociedade em seu conjunto, dos conceitos básicos, das bases teóricas e metodológicas dessa ciência. As obras dos clássicos Marx, Durkheim e Weber, apontam para essa discussão mais ampla e geral da sociologia, tratando de questões como o surgimento e as características da sociedade moderna, bem como seus elementos teóricos e metodológicos básicos. As sociologias especiais, por sua vez, são subdivisões da sociologia que efetivam análises e pesquisas sobre fenômenos sociais mais específicos no interior da sociedade global, como a educação, a religião, a política, a economia, a cultura, a arte, etc. Isso gera diversas sociologias especiais, como, por exemplo, a sociologia da educação, a sociologia da religião, a sociologia política, a sociológica econômica, a sociologia da cultura. Essas sociologias especiais, por sua vez, podem ainda gerar subdivisões internas e apenas um exemplo, o da sociologia da cultura, é suficiente para mostrar isso: sociologia da arte, sociologia da ciência, entre outras. E outra subdivisão ainda pode ocorrer, tal como na sociologia da arte, que engloba a sociologia do cinema, a sociologia da literatura, a sociologia da música, etc.

nales. Por tanto, realiza una reflexión sobre las condiciones de posibilidad para la existencia de una sociología especial y para su consolidación. El camino recorrido fue analizar los aportes involuntarios y voluntarios a la constitución de una sociología de las relaciones internacionales. La conclusión final del artículo es que existe una sociología de las relaciones internacionales, pero incipiente y en formación. Para que se consolide, es necesario desarrollar sus tradiciones analíticas, reflexiones sobre las relaciones internacionales y el reconocimiento social. Finalmente, las publicaciones más recientes apuntan a la tendencia a desarrollarse de estos elementos.

Palabras clave: sociologías especiales, sociología de las relaciones internacionales, tradiciones analíticas, campo fenomenal, reconocimiento social.

Introdução

Já há algum tempo se questiona se existe uma sociologia das relações internacionais. Com o passar do tempo, novas obras sobre essa temática apareceram e isso poderia dar a impressão de que é uma discussão ultrapassada e que não há dúvida sobre a existência, efetiva, de uma sociologia das relações internacionais. Porém, o questionamento permanece existindo e o fato de terem sido publicadas mais obras sociológicas no mercado sobre relações internacionais não significa a consolidação desta sociologia especial. O fato de algumas grades curriculares utilizarem o nome “sociologia e relações internacionais” ao invés de “sociologia das relações internacionais”, reforçam a dúvida sobre sua existência ou, pelo menos, consolidação como sociologia especial. Isso traz a necessidade de uma reflexão sobre as condições de possibilidade de uma sociologia especial², bem como sobre as questões relativas à sua consolidação.

Para a consolidação de uma sociologia especial³, faz-se necessário não apenas quantidades de obras, mas que algumas delas consigam dar respostas a algumas questões fundamentais que podem consolidá-la acadêmica e intelectualmente. Sem dúvida, o inverso também é verdadeiro: a solidificação analítica através de uma ampla reflexão que responda às questões fundamentais de uma sociologia não é suficiente para sua consolidação, pois é necessário que isso seja reconhecido socialmente, o que ocorre por meio da quantidade de publicações⁴, inserção nas grades curriculares, tradição analítica, formação de grupos de pesquisa e eventos, agenda de pesquisa, etc. Isso tudo justifica as duas questões que buscaremos responder no presente artigo: existe uma sociologia das relações internacionais?⁵ Se existe, ela está consolidada?

Nesse sentido, é necessário colocar em que contexto podemos considerar que uma determinada sociologia especial existe e em qual situação ela pode ser considerada consolidada. Para uma sociologia especial existir ela precisa ter bases intelectuais desenvolvidas, tal como um conjunto de teses (que alguns denominam “teorias”) basilares que servem de referencial explicativo dos aspectos mais amplos do fenômeno social específico, uma delimitação da especificidade do fenômeno social que constitui seu campo de pesquisa, uma tradição analítica (existência de teses basilares que são referências e oferecem bases explicativas para os temas pesquisados), reconhecimento social (grades curriculares, grupos de pesquisa, quantidade de pesquisas e publicações em sua área, etc.). Em síntese, possuir bases intelec-

tuais significa ter um arcabouço explicativo mais geral do fenômeno social específico, uma tese geral que pode se desdobrar em diversas teses complementares, e uma delimitação do campo fenomenal a ser pesquisado, o que alguns denominam “objeto de pesquisa” (VIANA, 2020).

Para que ocorra uma consolidação de uma sociologia especial existente são necessários ainda mais dois elementos: uma tradição analítica (ou seja, diversas abordagens sociológicas que em um certo período de tempo realize pesquisas e publicações sobre ela e seu tema que são referências na área) desenvolvida ao ponto de gerar uma agenda de pesquisa (um conjunto de temas e problemas relacionados ao campo fenomenal de pesquisa que justifique novas pesquisas e reflexões) e o reconhecimento social amplo no interior da sociologia e outros espaços sociais (o que ocorre com sua inserção em grades curriculares, criação de grupos de pesquisa, quantidade de pesquisa e publicações na área, entre outros processos que mostram o reconhecimento na esfera científica e, no caso, na subesfera sociológica, bem como impacto para além dela). Assim, para uma sociologia especial existente se consolidar, necessita do desenvolvimento de sua tradição analítica e uma ampliação do seu reconhecimento social.

Assim, a sociologia da religião teve as contribuições originais de Marx, Durkheim e Weber e, portanto, já teve suas bases intelectuais lançadas pela sociologia clássica. Os escritos de Marx sobre *A Questão Judaica* (1978) e várias passagens em diversas obras possibilitaram a publicação de coletâneas de textos de Marx sobre o fenômeno religioso (MARX; ENGELS, 1972), bem como surgiram autores comentando sua concepção de religião ou buscando desenvolvê-las. Durkheim em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1996), bem como Max Weber em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1987) e seus outros textos sobre religião (WEBER, 2006) também contribuíram com essa consolidação da reflexão sociológica sobre o fenômeno religioso. É por isso que em obra sobre sociologia da religião essas contribuições, junto com as posteriores, geralmente aparecem.

Porém, a contribuição da sociologia clássica⁶ é uma contribuição involuntária. Ela teve impacto na sociologia da religião que emerge posteriormente, tal como se vê na influência de Marx (HOUTART, 1994; HOUTART, 1992). Após essas contribuições, diversas outras emergiram. Algumas obras se apresentando como uma “sociologia da religião” e discutindo o significado e tema dessa sociologia especial (DESROCHE, 1984; HOUTART, 1994), como uma infinidade de obras de sociologia da religião, tanto as que tratam do tema em geral (BERGER, 1985), quanto as que tratam de fenômenos religiosos específicos e seus derivados.

Isso vale para a sociologia da educação, sociologia política, entre outras. Mesmo que as contribuições dos clássicos em alguns casos sejam bem sintéticas, ao lado de toda a produção intelectual de amplo desenvolvimento desses autores, com seus métodos e análises, elas se tornam sólidas após eles, em grande parte devido às suas contribuições involuntárias. Esse não foi o caso de outras sociologias especiais, que só emergiram após os clássicos. A sociologia do cinema, por exemplo, não poderia receber a contribuição involuntária dos clássicos, pois o cinema nem sequer existia na época de Marx e, embora já existisse quando Durkheim e Weber ainda estavam vivos, ainda dava os seus primeiros passos e começava a se tornar um fe-

4. A questão de quantas obras varia, pois algumas poucas obras podem ser tornar “clássicas” e referências que suprem a necessidade de um grande número e também há a questão do tempo, pois com o passar dos anos, a tendência é aumentar a quantidade de obras e abordagens, mas para a consolidação, bem como de traduções. Por outro lado, pode haver um certo número de obras, mas sem grande importância ou originalidade. Assim, a questão da quantidade é relativa, mas dificilmente se pode considerar uma sociologia especial consolidada com apenas uma, duas ou cinco obras. A exceção seria apenas no primeiro caso, ou seja, pela excepcionalidade e reconhecimento de poucas obras.

5. Entenda-se por sociologia das relações internacionais, numa definição sintética, uma sociologia especial, logo, uma subdivisão da sociologia, que elege como domínio temático de pesquisa as relações internacionais, ou seja, as relações entre os diversos países existentes na sociedade moderna.

6. A sociologia clássica é a que foi desenvolvida por Marx, Durkheim e Weber, embora alguns tentem acrescentar outros a tal lista, o que não tem sentido por serem mais “preferências individuais” do que importância teórica e reconhecimento social, elementos fundamentais para que se considere determinado autor um clássico. As grades curriculares da disciplina “sociologia clássica” (ou “teoria sociológica clássica”) tratam desses autores, bem como obras, manuais etc. (VIANA, 2013).

7. Aqui não trabalhamos com a concepção comum de cinema e sim de uma conceituação mais elaborada. Nesse sentido, não se trata da invenção do cinematógrafo ou das primeiras filmagens, e sim da produção de filmes. O primeiro filme, nesse sentido, é produzido em 1912, *O Estudante de Praga*. A consolidação da produção fílmica, começa a ocorrer no final da década de 1910 e Durkheim morre em 1917 e Max Weber em 1920. Sobre a história do cinema, cf. Viana, 2009 e sobre o conceito de filme: Viana, 2012.

8. O mais comum é que as contribuições involuntárias surjam primeiro e depois da formação e consolidação de uma sociologia especial, elas tendem a escassear (no caso de alguns fenômenos, pois em outros, isso não ocorre, havendo uma competição entre análise sociológica e análises "nativas" dos indivíduos envolvidos diretamente com o campo fenomenal de análise), pois essa última tende a se tornar a grande referência sobre o fenômeno (ou as demais ciências particulares, dependendo de qual domínio temático se trata). Porém, não deixam de existir os "livres pensadores", os filósofos, os militantes, os envolvidos diretos, os cientistas de áreas afins e, por conseguinte, muitas vezes após a sociologia especial já estar consolidada, haver contribuições involuntárias, embora a tendência seja sua desconsideração ou pouco reconhecimento no interior da sociologia, sendo integradas na análise sociológica geralmente se tiver um reconhecimento social mais amplo (seja para realizar efetivamente sua integração como contribuição, seja para realizar a sua refutação).

nômeno cultural mais popular e um fenômeno social mais consolidado no final da vida desses autores⁷. Esse é o caso também da sociologia das histórias em quadrinhos, embora este fenômeno só tenha recebido análises sociológicas muito tempo depois de sua existência e impacto social, devido, em parte, a pouca seriedade que era atribuída a esse produto cultural. Mas existem outros fenômenos de grande ressonância social que emerge mais de um século depois dos clássicos, como é o caso da internet, condição de possibilidade para o surgimento de uma sociologia da internet.

Podemos, nesse sentido, dizer que existe um período de formação de uma sociologia especial. Esse período de formação é caracterizado pelo processo de efetivação de contribuições involuntárias, no sentido de quem não busca, voluntariamente, constituir uma análise sociológica sobre um fenômeno social específico. Isso se deve ao fato de que nem sempre são sociólogos que efetivam tais contribuições iniciais ou mesmo posteriormente. Além dos sociólogos, análises relativamente "sociológicas" ou próximas são realizadas por um conjunto de livres pensadores, cientistas de áreas afins, militantes políticos, indivíduos envolvidos com o fenômeno analisado (arte, religião, política, etc.), entre outros.

A sociologia política, por exemplo, retoma várias contribuições de cientistas políticos, bem como a sociologia da cultura recebe contribuições de antropólogos. A sociologia do cinema recebeu uma primeira contribuição involuntária de alto nível quando Bertolt Brecht (2005) resolveu publicar uma obra em que comentava o processo jurídico em torno do filme *A Opera dos Três Vinténs*, realizando uma análise do capital cinematográfico nascente e suas relações internas, bem como sobre a recepção pela imprensa do processo e as questões jurídicas envolvidas. Seria necessário esperar muitos anos depois para que os primeiros ensaios de uma sociologia do cinema surgissem. A sociologia em geral, por sua vez, recebeu, desde o seu nascimento, a contribuição de livres pensadores, filósofos, socialistas utópicos, filantropos, que se preocuparam com a chamada "questão social". Claro que, nesse caso, não são contribuições sociológicas, mas que podem ser integradas em alguns de seus aspectos numa análise sociológica.

Porém, também existem contribuições sociológicas involuntárias quando um sociólogo não pretende desenvolver uma sociologia especial, mas aborda temática que outros sociólogos buscam sistematizar como tal. Esse é o caso dos clássicos da sociologia que, ao lado de uma teoria da sociedade e reflexão metodológica, entre outras contribuições que seriam consideradas para a sociologia geral, abordaram aspectos específicos da sociedade, tal como no caso da religião, como citamos anteriormente, bem como no caso da educação, economia etc.

As contribuições involuntárias são aquelas que abordam o fenômeno, e, no máximo, apresentam sua definição ou conceituação, bem como algumas reflexões e teses iniciais sobre ele. As contribuições voluntárias são geralmente posteriores⁸ e não apresentam apenas uma abordagem do fenômeno e sua definição ou conceituação e teses iniciais, como também busca a autodefinição da própria sociologia especial e a sistematização de análise global do fenômeno. Quando Max Weber escreveu *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música* (1996), iniciou uma reflexão que hoje seria incorporada à sociologia da música, mas ele não apresentou nenhu-

ma discussão específica sobre esta sociologia especial e nem um esboço de uma sociologia da música.

Há também um processo de colaboração recíproca – nem sempre amistosa, pois também ocorrem conflitos e competição – entre as sociologias especiais e outras ciências ou técnicas particulares que abordam o mesmo campo fenomenal, ou os agentes envolvidos no fenômeno pesquisado (o que varia de acordo com a tradição analítica e o campo fenomenal pesquisado)⁹. Assim, há uma colaboração recíproca entre pedagogia e sociologia da educação, bem como entre economia e sociologia econômica, ou, ainda, entre quadrinistas e sociólogos das histórias em quadrinhos. Os cursos de pedagogia geralmente possuem a disciplina de sociologia geral e a de sociologia da educação em sua matriz curricular e os autores especialistas desta área lançam mão, frequentemente, das contribuições sociológicas (bem como psicológicas e filosóficas). Por outro lado, os sociólogos que se dedicam ao fenômeno educacional também usam, muitas vezes, o saber especializado da Pedagogia. Inclusive, o que ocorre muitas vezes, o próprio saber especializado se torna tema do sociólogo especial, tal como as análises sociológicas do discurso pedagógico (BERNSTEIN, 1996). Da mesma forma, quando Eisner faz reflexões sobre as histórias em quadrinhos – “arte sequencial” – ele pode se tornar fonte de inspiração ou ponto de partida para reflexões sociológicas sobre esse fenômeno, assim como muitos quadrinistas leem obras sociológicas sobre histórias em quadrinhos e assimilam alguns de seus elementos.

Nesse sentido, é importante identificar algumas das contribuições involuntárias para a sociologia das relações internacionais, pois esse é um elemento do seu processo de formação. Sem as contribuições involuntárias, a formação e desenvolvimento de uma sociologia especial é mais lenta e as dificuldades maiores, bem como sua consolidação, pois tais contribuições ampliam o reconhecimento social de uma sociologia especial, o que vale também para a sociologia das relações internacionais.

..... Contribuições involuntárias para uma sociologia das relações internacionais

Existiram contribuições involuntárias para uma sociologia das relações internacionais? A resposta é positiva. É preciso, no entanto, demonstrar isso e apresentar, mesmo que sumariamente, quais são essas contribuições. Sem dúvida, é possível iniciar com as contribuições de filósofos, juristas e historiadores, como alguns fazem (MERLE, 1981). Contudo, esse procedimento pode ser útil para o pesquisador analisar o fenômeno ou suas primeiras abordagens, mas é equivocada se queremos realizar uma análise histórica da gênese de uma sociologia especial. Heródoto narrou acontecimentos históricos, verdadeiros ou falsos, reais ou ficcionais, e isso em nada contribuiu para sabermos da formação da sociologia histórica como sociologia especial, embora seja citado por historiadores para tratar da gênese da historiografia.

Logo, as contribuições involuntárias para a constituição de uma sociologia especial são aquelas que surgem a partir de sociólogos ou autores que exercem influência na sociologia e que trabalham temas considerados sociológicos, ou, mais especificamente sobre o fenômeno social que é o domínio temático de uma das sociologias especiais. Entre os últimos,

9. E há também o problema do “imperialismo sociológico” que alguns especialistas de outras áreas apontam (BOTTOMORE, 1970).

muitos são considerados “sociólogos” e o caso exemplar é o de Marx, considerado um clássico da sociologia, embora nunca tenha se autodeclarado sociólogo como ou tido qualquer vínculo institucional com essa ciência.

Entre as contribuições involuntárias para a sociologia das relações internacionais podemos citar dois clássicos da sociologia: Marx e Weber. Marx, obviamente, nunca discutiu sociologia das relações internacionais e nem mesmo algo como uma “sociologia geral”. Porém, ele fez análises das relações internacionais. Dentre suas análises, podemos citar o capítulo, em *O Capital* (MARX, 1988), sobre a acumulação primitiva de capital e o colonialismo, ou seus diversos escritos sobre colonialismo (MARX; ENGELS, 1970), bem como sua obra sobre “diplomacia europeia” (MARX, 2020) e diversas passagens em várias obras, a começar pelo *Manifesto Comunista*, citado extensivamente por Merle (1981). Sem dúvida, é uma análise substancial, pois os termos “relações internacionais”, “sociologia das relações internacionais”, entre outros, não aparecem, mas o campo fenomenal dessa sociologia especial é contemplado em tais análises.

Uma outra contribuição involuntária é a de Max Weber. Embora sintéticas, as suas reflexões sobre “o prestígio e o poder das grandes potências”, “as bases econômicas do imperialismo”, a ideia de nação, “as origens da disciplina na guerra” (WEBER, 1971) apontam para análises de temáticas que compõem o campo perceptivo da sociologia das relações internacionais. E aqui temos, como em Marx, uma análise substancial e fundamentada em método, bem como análise sociológica, mas não uma referência formal a uma sociologia especial ou, mais especificamente, das relações internacionais.

No caso de Durkheim não há nenhuma reflexão mais profunda sobre o campo fenomenal das relações internacionais. Ele escreveu alguns pequenos artigos a respeito de temas próximos das relações internacionais, tal como patriotismo, bem como analisou a “mentalidade alemã” após o início da Primeira Guerra Mundial. Dos três clássicos foi o que menos contribuiu para discutir o campo fenomenal das relações internacionais.

Depois de Marx e Weber existiram outras contribuições involuntárias. Na esteira de Marx, surgiram as chamadas “teorias do imperialismo”, tais como a de Rudolf Hilferding (1985), Rosa Luxemburgo (1985); Lênin (1987), entre inúmeros outros autores até a Segunda Guerra Mundial¹⁰. Após esta, a teoria do capitalismo de Marx serve de fonte de inspiração para outras tantas concepções de imperialismo que também lançavam mão dos autores citados anteriormente e assim podemos ver uma concepção luxemburguista de imperialismo (BARRATT BROWN, 1976), os comentaristas e adeptos da concepção leninista, bem como as concepções posteriores, como a chamada “teoria da troca desigual” (EMMANUEL, 1973) ou a “teoria da dependência” (GUNDER FRANK, 1980)¹¹, entre diversas outras, além das análises das várias concepções de imperialismo (COHEN, 1976; VILA, 1976; OSÓRIO, 2018).

Nesse caso, as “teorias do imperialismo” são, em sua maioria, contribuições involuntárias por não serem de sociólogos ou são de sociólogos que não visam trabalhar com a delimitação temática e subdisciplinar¹² das “relações internacionais”. Sem dúvida, isso requer uma explicação. As “teorias do imperialismo”, obviamente, tratam de relações internacionais. Porém, essas abordagens tratam, geralmente, dos aspectos econômicos e políticos, em

10. Seria possível acrescentar a “sociologia do imperialismo” de Joseph Schumpeter (1961), que, no entanto, era um economista que tentou refutar a concepção marxista e leninista de imperialismo ao mostrá-lo como uma possibilidade no interior do capitalismo, mas não um derivado dele. A força das análises do imperialismo era tão forte que tiveram impacto sobre Weber e Schumpeter (1961). Schumpeter escreveu um ensaio intitulado “Sociologias do Imperialismo”. Sweezy (1961) explica o interesse de Schumpeter pelo problema do imperialismo a partir de sua relação com o austromarxismo (Otto Bauer) e a obra de Rodolf Hilferding e Primeira Guerra Mundial. Sem dúvida, as ressonâncias da guerra e as concepções de imperialismo tiveram influência não somente em Schumpeter, mas em toda uma geração e elas estavam entrelaçadas.

11. Existe uma extensa lista de adeptos da chamada “teoria da troca desigual” e da “teoria da dependência”, e por isso optamos por citar apenas um representante de cada uma dessas concepções.

12. No sentido de subdisciplina, ou seja, uma divisão no interior de uma disciplina, tal como são as sociologias especiais no interior da sociologia como ciência.

detrimento de outros elementos. É por isso que a maioria dos autores que abordaram o fenômeno eram economistas, ativistas e militantes políticos. A sociologia das relações internacionais tem como um de seus temas o imperialismo, concorde-se ou não com esse termo e seus significados, e, por conseguinte, as “teorias do imperialismo”, que são explicações das relações internacionais no âmbito fundamentalmente econômico e, secundariamente, político (alguns autores extrapolam essa limitação, seja de forma superficial e periférica, seja de forma mais ampla e profunda). Nesse sentido, o estudo da sociologia das relações internacionais pressupõe o estudo das análises do imperialismo, abarcando a contribuição de sociólogos e não-sociólogos.

Assim, o conjunto de contribuições involuntárias para uma sociologia das relações internacionais é bastante amplo e poderia contar com diversas outras, embora algumas sem grande reconhecimento por parte dos sociólogos e outras com elementos mais restritos da perspectiva mais analítica, tal como alguns cientistas de áreas afins. E algumas contribuições involuntárias acabam se confundindo com as contribuições voluntárias, tal como o caso da ciência política norte-americana. Porém, quanto mais desenvolvida é uma sociologia especial, mais especializada ela fica e mais robusta, o que tem como consequência sua maior autonomia e menor apelo às contribuições involuntárias. Claro que isso varia de acordo com o campo fenomenal da sociologia especial ou da tradição analítica. Certos fenômenos sociais atraem maior atenção de um conjunto de cientistas, militantes etc., e assim, em alguns casos, as contribuições involuntárias tendem a ter grande volume e assim ser relativamente incorporada nas discussões da sociologia especial. Por outro lado, se a sociologia especial já está consolidada, depende menos de tais contribuições, mas algumas tradições analíticas no seu interior (tal como, por exemplo, as que valoram a interdisciplinaridade ou o marxismo, que é adisciplinar) podem lançar mão frequentemente delas devido suas características próprias¹³.

No caso específico das relações internacionais, algumas contribuições involuntárias continuarão existindo e caberá às tradições analíticas lançarem mão ou não delas. A geopolítica, enquanto subdivisão da geografia, as produções intelectuais e pesquisas da área específica das relações internacionais¹⁴, as concepções do imperialismo, entre outras, que continuam existindo e avançando, são exemplos desse processo de permanência das contribuições involuntárias e de sua assimilação pela sociologia das relações internacionais. Algumas tendências da sociologia das relações internacionais, incluindo aquelas mais contrafeitas às contribuições de outras disciplinas, acabam lançando mão de suas teses, pois ela ainda é uma sociologia especial que, devido ao seu estágio de desenvolvimento, necessita de um “apoio externo”.

As tentativas de uma sociologia das relações internacionais

A sociologia das relações internacionais, enquanto sociologia especial, emerge a partir das contribuições involuntárias que são fundamentais para a sua formação e a partir das tentativas de determinados sociólogos no sentido de constituir essa nova especialidade dentro do pensamento sociológico. Sem dúvida, isso ocorre, como em qualquer ciência

13. Existem casos fronteirios, como o da Revista International Political Sociology, que busca ser “transversal” e “interdisciplinar”, reunindo cientistas políticos, sociólogos e pesquisadores de outras áreas, cuja delimitação é difícil, entre outras contribuições que compõem um amplo leque de produção intelectual e que não poderão ser analisadas aqui, pois enfatizamos as concepções estritamente sociológicas e de maior ressonância internacional.

14 As diversas abordagens no interior das relações internacionais constituem contribuições involuntárias para uma sociologia das relações internacionais, com suas divisões e diferenças, que são retomadas (ou não) pelas concepções sociológicas a partir das suas bases semelhantes (por exemplo, o construtivismo tem maior facilidade de ser resgatado por sociólogos de orientação pós-estruturalista e semelhantes). Não seria possível aqui sintetizar tais contribuições involuntárias, mas vale a pena ressaltar sua existência e que trazem elementos importantes para o desenvolvimento de uma sociologia das relações internacionais.

15. Sem dúvida, trata-se aqui do espectro das contribuições que conseguiram ressonância social e que realizou um desenvolvimento efetivo da discussão. Não é possível conhecer todas as obras em todos os idiomas que tratam dessa questão, mas apenas aquelas que tiveram ressonância o suficiente para serem traduzidas, citadas e reconhecidas pelos demais sociólogos. Assim, seria possível, por exemplo, colocar aqui a contribuição do pequeno artigo de quatro páginas de Jacques Vernant, escrito em 1952, *Por uma Sociologia das Relações Internacionais*. O texto curto e sintético, no entanto, avança mais em alguns elementos do que obras mais extensas. Vernant (1952) afirma que as relações internacionais são “fatos sociais”, e constata que as tentativas de análises sociológicas das relações internacionais são mais descritivas e que é necessário ir além do descritivismo. Vernant também aponta a “sociedade internacional” (que é, segundo ele, uma forma de sociedade *sui generis*, que é uma ideia de inspiração durkheimiana) como campo fenomenal de pesquisa da sociologia das relações internacionais, bem como questiona que não se pode reduzi-lo (como faz Aron) às relações intergovernamentais, pois engloba também as relações econômicas e culturais, além das especificamente políticas. O problema da ressonância remete para as relações internacionais no plano da produção sociológica, pois a subordinação na divisão internacional do trabalho e o processo de concentração e centralização no capitalismo mundial gera um efeito tanto sobre o processo de produção intelectual no capitalismo subordinado quanto sobre sua ressonância externa. Tickner (2011) abordou elementos desta relação ao abordar as relações entre “centro-periferia” nas “relações de conhecimento”, bem como se reconhece que a dicotomia “centro-periferia” governa o “aparato da produção intelectual” (TICKNER; BLANEY, 2013). Assim, é possível perceber que há uma divisão internacional do trabalho intelectual, que remete para as relações internacionais estabelecidas no capitalismo mundial.

particular ou subdivisão desta, através da formação de tradições analíticas distintas, formando diferentes teses ou mesmo escolas.

É quase consenso que as primeiras tentativas voluntárias de constituir uma sociologia das relações internacionais ganharam maior força no período posterior à Segunda Guerra Mundial (DEVIN, 2009; MERLE, 1981). A razão disso remete tanto ao problema da guerra e suas consequências e traumas, quanto às inovações que ocorrem posteriormente, tal como a expansão do capital transnacional e a formação de organismos internacionais (Fundo Monetário Internacional, Organização das Nações Unidas, Banco Mundial, etc.). Antes disso, apontam-se algumas poucas obras, mas cujo caráter sociológico é questionável. Se seguirmos a concepção de Merle (1981), nos Estados Unidos emergiram as primeiras tentativas especificamente sociológicas no sentido de abordar as relações internacionais. Merle (1981) Ele aponta a existência de duas concepções sociológicas sobre as relações internacionais: a behaviorista e a funcionalista. Porém, nesse caso também se trata de cientistas políticos e análises interdisciplinares, tais como as de Deutsch e outros (DEUTSCH; 1978; MORGENTHAU, 2003) e não de análises de sociólogos.

A abordagem funcionalista é mais próxima de uma sociologia das relações internacionais, pois foi desenvolvida por cientistas políticos, que são especialistas bastante próximos da sociologia política, além da proximidade das duas ciências (sociologia e ciência política). Além disso, a concepção funcionalista, que também ficou conhecida como “estrutural-funcionalismo”, se desenvolveu e foi hegemônica simultaneamente na sociologia e na ciência política nos Estados Unidos. David Easton e outros, na Ciência Política, e Parsons e Merton, entre outros, na Sociologia, desenvolveram essa concepção hegemônica desse período, que estava de acordo com o paradigma hegemônico da época, o reprodutivismo (VIANA, 2019). Porém, essas contribuições são, no entanto, mais involuntárias do que voluntárias e, assim, contribuem com análises do fenômeno das relações internacionais, mas não com o desenvolvimento da abordagem especificamente sociológica ao seu respeito, embora realizem discussões metodológicas que podem ser englobadas pela pesquisa sociológica posterior.

Uma das primeiras tentativas sistemáticas de desenvolver uma sociologia das relações internacionais foi a obra do sociólogo francês Raymond Aron¹⁵. Aron publicou algumas obras dedicadas às questões internacionais e dedicou uma especificamente para sistematizar uma análise sociológica das relações internacionais, intitulada “*Paz e Guerra entre as Nações*”, escrita entre 1960 e 1961 e publicada em 1962 (PAIM, 2002). Essa volumosa obra, que na tradução portuguesa tem mais de 900 páginas (ARON, 2002), aponta para vários elementos que se exige de uma sociologia especial, tal como a definição de relações internacionais, a apresentação do seu domínio temático, os seus principais problemas, uma agenda de pesquisa.

A definição de relações internacionais de Aron abre espaço para se pensar uma agenda de pesquisa que seria própria da sociologia das relações internacionais:

Não há dúvida de que o centro das relações internacionais está situado no que chamamos de “relações interestatais”, as que engajam as unidades políticas. Essas relações se manifestam por meio de canais especiais, personagens que chamarei, simbolicamente, de *diplomata* e de *soldado*. Os dois e somente eles – agem plenamente não como membros mas como *representantes* das coletividades a que pertencem: o *diplomata*,

no exercício das suas funções, *é* a unidade política em nome da qual fala; no campo de batalha, o *soldado é* a unidade política em nome da qual mata o seu semelhante. O golpe de leque do soberano de Argel teve o valor de um acontecimento histórico porque atingiu um Embaixador. Uniformizado, e agindo por dever, o cidadão de um Estado civilizado mata sem problema de consciência. O diplomata e o soldado *vivem e simbolizam* as relações internacionais que, enquanto interestatais, levam à diplomacia e à guerra. As relações interestatais apresentam um traço original que as distinguem de todas as outras relações sociais: elas se desenrolam à sombra da guerra; para empregar uma expressão mais rigorosa, as relações entre os Estados implicam essencialmente na guerra e na paz. Como cada Estado tende a reservar para si o monopólio da violência, no curso da história, todos os Estados, reconhecendo-se reciprocamente, reconheceram a legitimidade das guerras que faziam entre si (ARON, 2002, p. 52).

Aron desenvolve reflexões sobre a teoria e sobre o conteúdo das relações internacionais, destacando a questão da guerra e da paz, da diplomacia e da estratégia, e o diplomata e o soldado como “atores”. A busca de regularidades, a análise dos tipos de guerra, do sistema internacional, aponta tanto para uma reflexão “teórica” quanto para análise de processos sociais e históricos. Sem dúvida, a concepção de Aron pode ser considerada limitada e problemática, além de carregar em si o “espírito da época”, tal como elementos do paradigma reprodutivista ao lado de elementos weberianos (o uso dos tipos ideais em sua tipologia das guerras)¹⁶. Porém, apesar de possuir elementos problemáticos e limitações, ele apontou para colocar vários elementos necessários para uma sociologia das relações internacionais e abriu caminho para novas contribuições no sentido de desenvolver tal sociologia especial.

Alguns anos depois, mais precisamente em 1974, é publicada outra obra na França cujo título é exatamente “*Sociologia das Relações Internacionais*”, de Marcel Merle (1981). Merle aponta as contribuições involuntárias, sem utilizar essas palavras, para a sociologia das relações internacionais advindas dos filósofos, juristas e historiadores, para depois apontar as contribuições especificamente sociológicas, embora não fique claro tal caráter sociológico de algumas das concepções que ele expõe. Merle aponta as contribuições de Marx e “marxistas” posteriores, bem como “behavioristas” e “funcionalistas”. Além disso, ele realiza uma discussão conceitual e sobre a possibilidade de uma teoria das relações internacionais. Na segunda parte de sua obra, já aponta os termos fundamentais de sua análise, como os fatores que atuam no meio internacional, os atores e o sistema internacional. A obra de Merle, ao contrário da de Aron, pode ser considerada uma verdadeira introdução à sociologia das relações internacionais, pois ela apresenta um balanço das contribuições involuntárias e algumas contribuições que ele considera sociológicas, aponta os termos-chave e desenvolve uma análise mais geral do campo fenomenal da sociologia das relações internacionais.

Merle aponta para o reconhecimento que as relações internacionais “constituem uma massa enorme de fenômenos” (1981, p. 112). Ele avança no sentido de considerar que as relações internacionais são relações interestatais, mas vai além de Aron e outros e coloca que ela engloba também relações privadas.

Qualquer que seja a importância do papel dos Estados na sociedade internacional, não se poderia, portanto, reduzir as relações internacionais aos intercâmbios de todos os tipos operados entre governos. As relações internacionais comportam o conjunto dos intercâmbios, públicos ou privados, que se desenvolvem acima das fronteiras (MERLE, 1981, p. 110-11).

16. Colocamos isso no sentido limitado de sua contribuição para uma sociologia das relações internacionais, ou seja, não em relação ao conteúdo de sua obra nos mais variados aspectos, pois, nesse caso, o volume da crítica e os elementos a serem criticados aumentam drasticamente. Basta lembrar a crítica de Chatelet e Touraine para sua ideia de centralidade do Estado (HOLEINDRE, 2012).

Assim, nessa ampliação do campo fenomenal das relações internacionais, há uma diversidade de questões que envolve os Estados (diplomacia, guerra, comércio, etc.) e outras organizações e indivíduos. Merle cita, por exemplo, os grupos de interesses, partidos políticos, organizações profissionais ou corporativas, etc.

Além de contribuir com a definição de relações internacionais, Merle propõe uma abordagem sistêmica desse campo fenomenal e por isso o construto de “sistema internacional” assume grande importância. Sem dúvida, trata-se de uma abordagem totalizante e que aponta para um termo hegemônico da época do paradigma reprodutivista, que, complementado com o estudo do “meio” e dos “atores”, promove uma percepção sociológica abrangente das relações internacionais, concorde-se ou não com sua concepção. Sem dúvida, assim como a contribuição de Aron, a obra de Merle pode ser considerada limitada e ser criticada, mas, no que se refere a uma contribuição para o desenvolvimento de elementos importantes para a constituição de uma sociologia das relações internacionais, é inquestionável que ele foi um dos pioneiros e forneceu subsídios significativos nesse sentido.

A partir das décadas seguintes proliferam novas pesquisas sociológicas sobre as relações internacionais, embora grande parte não se coloque como expressão desta sociologia especial e outra parte não se dedique a discussões terminológicas e metodológicas sobre este campo fenomenal. Emergem estudos que buscam trabalhar com a sociologia dos campos de Pierre Bourdieu (TARGA, 2017), com o gramscismo (COX, 2007), entre outras abordagens¹⁷, bem como se mantém as reflexões sociológicas e de ciências afins sobre imperialismo e, a partir dos anos 1990, globalização (IANNI; 1996; FARIAS, 2013; OSÓRIO, 2018)¹⁸.

Obras específicas sobre sociologia das relações internacionais apareceram, mas uma parte não ultrapassou os marcos nacionais, não tendo muita ressonância para além das fronteiras nacionais, não tendo tradução para outros idiomas. Outras não conseguiram avançar muito em relação ao que já havia sido reproduzido. Assim, a obra de Devin (2009) aponta para algumas discussões, mas não avança no sentido de uma sistematização ou estruturação mais profunda, tal como se observa também em artigos e outras publicações.

Uma Sociologia Especial em Formação

Esse breve apanhado das reflexões sociológicas sobre as relações internacionais nos permite discutir o atual estado dessa sociologia especial. A conclusão é a de que a sociologia das relações internacionais ainda está em processo de formação. As suas bases intelectuais ainda são relativamente frágeis, tanto pela quantidade quanto pela qualidade das teses basilares que foram desenvolvidas. A delimitação do campo fenomenal de pesquisa também não teve grandes avanços e a apontada por Aron é limitada e problemática enquanto que a de Merle é imprecisa e sem maior aprofundamento. A tradição analítica ainda é restrita quantitativa e qualitativamente, o que pode ser percebido a constante inclusão de abordagens de outras ciências particulares como se fosse parte da sociologia das relações internacionais. O reconhecimento social, por sua vez, é

17 Outras iniciativas, de menor alcance, também poderiam ser citadas, tal como a de Frédéric Ramel e seu artigo *As Relações Internacionais segundo Durkheim, Um objeto de estudo como qualquer outro, que segue a linha de Vernant, sem citá-lo e talvez sem conhecê-lo.*

18 Seria inviável citar o conjunto de obras a respeito da globalização e imperialismo, pois a quantidade é extremamente elevada. Os livros de Ianni (1996), um dos três que ele lançou sobre essa temática, aponta diversas concepções de globalização, bem como Farias (2013) aponta várias concepções de imperialismo, incluindo algumas mais recentes.

bem restrito, inclusive no interior da própria sociologia. Isto significa que é necessário avançar na delimitação do campo fenomenal, explicitando que conjunto de fenômenos constituem as relações internacionais, bem como desenvolver mais a reflexão teórica e analítica. Esses elementos, por sua vez, tendem a reforçar o reconhecimento social e vice-versa.

Contudo, apesar disso, é possível afirmar a existência de uma sociologia das relações internacionais, mas em processo de formação e que está num estágio ainda rudimentar. Isso significa que ainda é preciso avançar nos seus elementos constitutivos para aprofundar o seu processo de formação e um amplo desenvolvimento para se tornar uma sociologia especial consolidada. Assim, a sociologia das relações internacionais precisa avançar em suas teses basilares, ampliar e desenvolvimento suas tradições analíticas, delimitar com mais rigor o seu campo fenomenal de estudos, bem como alargar seu reconhecimento social.

É possível afirmar que esse processo está em andamento, embora esteja mais avançado em alguns aspectos do que em outros. As teses basilares ganharam algumas contribuições nas últimas décadas, mas de forma lenta e acanhada. A delimitação do campo fenomenal já existe desde Vernant e Aron¹⁹, mas precisa ser repensada e refinada, indo além de Merle, que já havia avançado em relação a essa definição inicial. As tradições analíticas, no entanto, vêm se desenvolvendo e não só o volume de contribuições involuntárias continua crescendo paulatinamente como reflexões específicas começam a se desenvolver, como as embasadas na sociologia dos campos de Bourdieu, na abordagem gramscista e na chamada “sociologia da globalização”.²⁰

A consolidação da sociologia das relações internacionais depende desse desenvolvimento e, mais especialmente, da consolidação das abordagens sociológicas, indo além das existentes, criando uma verdadeira tradição analítica geradora de uma agenda de pesquisa, e uma ampliação do reconhecimento social, ganhando mais espaço interno no interior da subesfera sociológica e a nível mais global. O desenvolvimento da tradição analítica aponta para um aprofundamento geral e desenvolvimento dos demais aspectos que permitem a consolidação de uma sociologia especial e criação de novas problemáticas e temas derivados, bem como incentiva, embora não garanta, o seu reconhecimento social.

Considerações finais

O nosso objetivo no presente texto foi questionar se existe uma sociologia das relações internacionais. Para tanto, assinalamos alguns elementos necessários para que se possa afirmar a existência de uma sociologia especial, bem como para considerá-la consolidada. Após isso, apontamos para algumas reflexões sobre as contribuições involuntárias e a produção sociológica sobre relações internacionais e a partir disso concluímos que a sociologia das relações internacionais ainda está em processo de formação, ou seja, ela existe, mas ainda se encontra no seu primeiro estágio. E concluímos que, para ela se consolidar, precisa de maior desenvolvimento, bem como que existem indícios de que ela caminha para a sua concretização.

19 Seria necessário ir além da concepção de relações internacionais como apenas “relações interestatais” (ARON, 2002) ou como “sistema internacional” (VERNANT, 1952), inclusive tendo em vista a sua complexidade crescente com o desenvolvimento histórico.

20. E, nesse aspecto, a crítica da ideia de globalização também se enquadra, especialmente as de caráter sociológico (BAUMANN, 1999; HIRST; THOMPSON, 1998; VIANA, 2009)

A reflexão aponta para a necessidade de compreender o processo de formação e consolidação das sociologias especiais como condição necessária para entender o atual estágio da sociologia das relações internacionais. As contribuições involuntárias de Marx e Weber, bem como de autores de outras áreas, ajudaram nesse processo de constituição. Por outro lado, obras especificamente sobre sociologia das relações internacionais surgiram, de Vernant, passando por Aron e Merle, até chegar a autores contemporâneos, com destaque para Devin. Porém, ainda é necessário maiores avanços e mais contribuições, bem como aprofundamento de diversas questões.

Nesse processo de consolidação, existem os aspectos institucionais e de reconhecimento, bem como os de caráter teórico-metodológico. Os aspectos institucionais e de reconhecimento podem ser, e geralmente são, cumulativos, o que significa que tendem a se ampliar com o passar do tempo. E isso tende a reforçar o aspecto teórico-metodológico e a formação e consolidação de tradições analíticas. Por outro lado, o desenvolvimento teórico-metodológico reforça a tendência de reconhecimento. Assim, embora esses elementos geralmente andem juntos e se reforcem reciprocamente, um avança mais rápido ou extraordinário de um tende a ter um impacto geral. Porém, não podemos prever o futuro. A reflexão que realizamos aqui apenas nos permite dizer que a sociologia das relações internacionais existe e que precisa avançar mais para se consolidar e podemos apontar a tendência para que isso ocorra com o passar do tempo.

Referências

- ARON, Raymond. Paz e Guerra entre as Nações. Brasília: Edunb, 2002.
- BARRATT-BROW, Michael. Después del Imperialismo. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As Consequências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BERGER, Peter. O Dossel Sagrado. Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- BERNSTEIN, Brasil. A Estruturação do Discurso Pedagógico. Classe, Códigos e Controle. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BOTTOMORE, Tom. Introdução à Sociologia. 3ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- BRECHT, Bertolt. O Processo do Filme A Ópera dos Três Vinténs. Uma Experiência Sociológica. Porto: Campo das Letras, 2005.
- COHEN, Benjamin. A Questão do Imperialismo. A Economia Política da Dominação e Dependência. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- COX, Robert. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. In: GILL, Stephen (org.). Gramsci, Materialismo Histórico e Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- DESROCHE, Henri. Sociologias Religiosas. Lisboa: Rés, 1984.
- DEUTSCH, Karl. Análise das Relações Internacionais. Brasília: Edunb, 1978.
- DEVIN, Guillaume. Sociologia das Relações Internacionais. Salvador: Edufba, 2009.
- DURKHEIM, Emile. As Formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EMMANUEL, Arghiri. A Troca Desigual. 2 vols. Lisboa: Estampa, 1973.
- FARIAS, Flávio B. O Imperialismo Global. Teorias e Consensos. São Paulo: Cortez, 2013.
- GUNDER FRANK, André. Acumulação Dependente e Subdesenvolvimento. Repensando a Teoria da Dependência. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HILFERDING, Rudolf. O Capital Financeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

- HIRST, Paul.; THOMPSON, Grahame. *A Globalização em Questão*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HOLEINDRE, Jean-Vincent. Raymond Aron e a Sociologia das Relações Internacionais. *Relações Internacionais*. Vol. 03, Num. 35, Setembro de 2012.
- HOUTART, Francois. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- HOUTART, Francois. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ática, 1994.
- IANNI, Octávio. *Teorias da Globalização*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- LÊNIN, W. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. 4ª edição, São Paulo: Global, 1987.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A Acumulação de Capital*. 2ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. *A Questão Judaica*. São Paulo: Moraes, 1978.
- MARX, Karl. *História Secreta da Diplomacia Europeia*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- MARX, Karl. *O Capital*. 3ª edição, 5 vols. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre o Colonialismo*. 2 vols. Lisboa: Presença, 1970.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre Religião*. 2ª edição, Lisboa, Edições 70, 1972.
- MERLE, Marcel. *Sociologia das Relações Internacionais*. Brasília: Edunb, 1981.
- MORGENTHAU, Hans. *A Política entre as Nações. A Luta pelo Poder e pela Paz*. Brasília: Edunb, 2003.
- OSÓRIO, Luiz Felipe. *Imperialismo, Estado e Relações internacionais*. São Paulo: Ideias e Letras, 2018.
- PAIM, Antonio. Prefácio: Paz e Guerra entre as Nações: uma Apresentação. In: ARON, R. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Edunb, 2002.
- RAMEL, Frédéric. Les relations internationales selon Durkheim: un objet sociologique comme les autres. *Études internationales*. Vol. 35, Num. 03, 2004.
- SCHUMPETER, Joseph. *A. Imperialismo e Classes Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.
- SWEEZY, Paul. Introdução. In: SCHUMPETER, Joseph. *A. Imperialismo e Classes Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.
- TARGA, Leandro. Garcez. Elementos para uma Sociologia das Relações Internacionais: o campo dos diplomatas e o Estado como metacampo. *Plural*. Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP, São Paulo, vol. 24, num. 02, 2017.
- VERNANT, Jacques. Vers une Sociologie des Relations Internationales. *Politique étrangère*. Vol. 17, num. 04, 1952.
- VIANA, Nildo. *A Concepção Materialista da História do Cinema*. Porto Alegre: Asterisco, 2009.
- VIANA, Nildo. *A Divisão da Sociologia*. *Sociologia em Rede*. Goiânia, vol. 10, num. 10, 2020.
- VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem*. Porto Alegre: Asterisco, 2012.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- VIANA, Nildo. *Os Autores Clássicos da Sociologia no Ensino Superior*. *Revista Contrapontos*. Vol. 13, num. 02, 2013.
- VILA, J. M. V. *Teorias del Imperialismo*. Barcelona: Anagrama, 1976.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- WEBER, Max. *Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. São Paulo: Unesp, 1996.
- WEBER, Max. *Sociologia das Religiões*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.
- TICKNER, A. B.; BLANEY, D. L. Pensar la diferencia: introducción. *Relaciones Internacionales*. Madrid, num. 22, fev./mai. de 2013.
- TICKNER, Arlene. Relaciones de Conocimiento Centro-Periferia: Hegemonía, contribuciones locales e hibridización. In: GODOY, Horário; ARANA, Roberto G.; RESTREPO, Gabriel. O. (orgs.). *Construyendo lo Global. Aportes al debate de Relaciones Internacionales*. Barranquilla: Universidade del Norte, 2011.